

AS CASAS UNIFAMILIARES DE CARLOS MILLAN

Sílvia Lopes Carneiro Leão

Departamento de Arquitetura da Faculdade de Arquitetura da UFRGS
Rua Anita Garibaldi, 1581, ap. 303 – CEP: 90.480-201
Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: silvia-leao@uol.com.br

AS CASAS UNIFAMILIARES DE CARLOS MILLAN

O arquiteto paulista Carlos Barjas Millan fez parte da primeira geração de arquitetos formados em escolas de arquitetura de São Paulo. Sua vida foi curta (1927-1964), abreviada por um trágico acidente de automóvel aos 37 anos de idade. Sua produção, entretanto, foi intensa durante 15 anos de atuação nas décadas de 1950 e 60 e repercutiu até hoje no panorama da arquitetura moderna brasileira.

Formado na Universidade Mackenzie, atuou em entidades de classe como IAB e CREA; teve carreira docente na Mackenzie e na USP; foi sócio de uma loja de móveis contemporâneos; atuou politicamente junto à igreja dominicana; e, acima de tudo, dedicou-se intensamente à prática de arquitetura, com uma produção de aproximadamente 70 projetos, construídos ou não. A grande maioria foi de casas unifamiliares, dos mais diferentes tipos – isoladas, conjugadas, reformadas, urbanas ou não –, para vários tipos de clientes, em diferentes tipos de lotes, projetadas em parceria ou individualmente, muitas delas reconhecidas ainda hoje por seu valor arquitetônico.

Após sua morte, o arquivo de seus projetos foi doado à biblioteca da FAU-USP. Mas, talvez pela brevidade de sua existência, pouco foi produzido e publicado sobre sua obra. Podem ser citados como relevantes: dois trabalhos acadêmicos de doutorado e mestrado (FAGGIN, 1992 e MATERA, 2005); publicações em revistas Acrópole (números 317 e 332) e AU (número 54); algumas publicações sobre obras paulistas que incluem casas de sua autoria (ACAYABA, 2011; XAVIER; LEMOS; CORONA, 1983); alguns textos disponíveis na internet (CAMARGO, 2013), etc.; afora farto material relativo ao Brutalismo Paulista (ZEIN, SANVITTO, ACAYABA, FUÃO, etc.).

As casas mais conhecidas e publicadas são três: Roberto Millan (1960), premiada na IV Bienal de São Paulo; Nadyr de Oliveira (1960); e Antônio D'Elboux (1962-64). Todas se enquadram na fase final de sua breve carreira, quando sua arquitetura já apresentava com nitidez características de uma escola de arquitetos que se formava em São Paulo nos anos 50-60 e cuja produção ficou conhecida como Brutalismo Paulista. O arquiteto Vilanova Artigas, professor da FAU-USP, é considerado o principal mentor dessa escola.

O objetivo deste trabalho é lançar um breve olhar sobre a produção residencial unifamiliar de Millan, desde suas origens nos anos 50, quando são propostas suas primeiras casas, até os anos 60, sua fase de maturidade. Em regra com telhados, beirais, plantas e volumes aditivos, as casas iniciais tinham influências de Wright, Neutra, Breuer e Rino Levi. Pelo final dos anos 50, com a Casa Oliva Feitosa (1957), observa-se uma transformação que se acentua nos anos 60, com o uso de coberturas planas e determinados materiais, técnicas e estratégias que passam a ser recorrentes.

O foco do trabalho será sua produção unifamiliar dos anos 60, iniciada com a já citada casa para seu irmão, Roberto Millan, e encerrada com a casa na Praia da Lagoinha para Mario Masetti (1964). Essa série de casas pode ser enquadrada no Brutalismo Paulista, mas possui peculiaridades que são próprias de Carlos Millan, conhecido pelo alto nível de detalhamento de seus projetos. Além de arquitetos paulistas contemporâneos, entre eles Artigas, nesta fase Millan recebe influências de mestres internacionais, principalmente de Le Corbusier.

As principais casas de Carlos Millan do período 1960-64 serão analisadas segundo aspectos formais e compositivos, considerando os seguintes critérios: volumetria, tipo de planta, base, coroamento, estrutura de suporte, elementos e materiais construtivos, sem perder de vista lote de implantação, programa de necessidades e influências constatadas. Pretende-se buscar certas regularidades e variantes dentro dos exemplos estudados, com base no material constante na bibliografia acima referida.

PALAVRAS-CHAVE:

1. Carlos Barjas Millan
2. Casas unifamiliares
3. Brutalismo Paulista

THE ONE-FAMILY HOUSES OF CARLOS MILLAN

The architect from São Paulo, Carlos Barjas Millan, was part of the first generation of architects graduated in architecture schools in São Paulo. He lived a short life (1927-1964), which was abbreviated by a tragic car accident at 37. His work, however, was intense for 15 years between the 50s and the 60s and is relevant until today in the modern Brazilian architecture scene.

Graduated at Mackenzie University, he acted in class entities such as IAB (Brazilian Architect's Institute) and CREA (Regional Council of Engineering, Architecture and Agronomy); had a teaching career at Mackenzie and USP Universities; was a partner of a contemporary furniture store; acted politically within the Dominican Church; and, above all, dedicated himself intensely to architecture, with an output of approximately 70 projects including built and unbuilt. The vast majority of those projects was for one-family houses of many different types – either isolated, conjugated, refurbished, urban or not urban – for all sorts of clients, in different lots, projects done either with partners or by Millan individually; many of them recognized until today by their architectural value.

After his passing away, his project archive was donated to the FAU-USP library. But, perhaps for the briefness of his existence, little of his work was actually published. Relevant citations include: two academic dissertations of PhD and Master (FAGGIN, 1992 and MATERA, 2005, respectively); publications in the journals *Acrópole* (numbers 317 and 332) and *AU* (number 54); some publications on São Paulo architecture that include houses designed by him (ACAYABA, 2011; XAVIER; LEMOS; CORONA, 1983); some texts available online (CAMARGO, 2013), etc.; aside from a bulk of material about the “Brutalismo Paulista” movement (ZEIN, SANVITTO, ACAYABA, FUÃO, etc.).

His best known houses about which more was published are the following three: Roberto Millan (1960), winner of an award at the IV Bienal de São Paulo; Nadyr de Oliveira (1960); and Antônio D’Elboux (1962-64). All of these projects can be placed in the final phase of his short career, when his work presented clear characteristics of an architecture school being formed in São Paulo in the 50s and 60s and whose production was known as “Brutalismo Paulista”. The architect Villanova Artigas, Professor at FAU-USP, is considered the main exponent of this school of architecture.

The objective of this paper is to briefly glance at Millan’s one-family residence production, since its origins in the 50s, when the first houses were proposed, until the 60s, which represented his more mature phase. Generally with roofs, eaves, added volumes and plans, his initial homes had influences derived from Wright, Neutra, Breuer and Rino Levi. Around the end of the 50s, with the Oliva Feitosa house (1957), a transformation may be observed that is only accentuated in the 60s, with the use of flat roofs and certain materials, techniques and strategies that then become recurrent.

The focus of this work will be his one-family house designs of the 60s, begun with the aforementioned house for his brother, Roberto Millan, and ended by his Lagoinha Beach House for Mario Masetti (1964). This series of houses may be regarded as part of the “Brutalismo Paulista” movement, but possesses peculiarities particular to Carlos Millan, known for his projects’ high levels of detail. Aside from other contemporary São Paulo architects, among them Artigas, this phase in Millan’s work is influenced by international masters, especially Le Corbusier.

Carlos Millan’s main houses of the 1960-64 period will be analyzed both from a formal as well as a compositional perspective, considering the following criteria: volume, plan, base, crowning, supporting structure, constructive elements and materials, without overlooking the sites, programs as well as influences observed. Within the aforementioned examples that will be analyzed, certain similarities and variables are sought, using the materials collected in the bibliography quoted above as a source.

KEYWORDS:

1. Carlos Barjas Millan
2. One-family houses
3. “Brutalismo Paulista” movement

AS CASAS UNIFAMILIARES DE CARLOS MILLAN

O arquiteto Carlos Barjas Millan pertence à primeira geração de arquitetos formados em São Paulo. Graduado em 1951 na FAU-Mackenzie, teve carreira curta, abreviada por trágico acidente de automóvel em 1964, quando contava apenas 37 anos de vida. Apesar disso, cumpriu papel relevante na formação de uma linhagem paulista de arquitetura moderna com as características básicas que perduram até hoje. Seu currículo rico e diversificado estende-se por 15 anos de atuação, iniciados antes mesmo da formatura: participou de entidades de classe, teve carreira docente, foi sócio de uma loja de móveis modernos, atuou politicamente junto à ordem dominicana, e, acima de tudo, dedicou-se de forma intensa à prática de arquitetura, legando obras de valor inquestionável.

Seus projetos mais importantes foram casas unifamiliares. Dos anos 50 aos 60, tais projetos apresentam influências e soluções diversas, revelando características que se aprimoram e consolidam ao longo do tempo, marcando uma clara evolução.

As casas mais conhecidas e publicadas pertencem aos anos 60, quando Millan liga-se mais fortemente a um grupo de arquitetos oriundo da FAU-USP, onde passa a lecionar em 1959. Encabeçado por Vilanova Artigas, tal grupo ficou conhecido como “escola paulista” e suas obras como “brutalismo paulista”.

BRUTALISMO: INTERNACIONAL E PAULISTA

Quando se fala em “brutalismo”, uma fonte inescapável é a arquiteta paulista Ruth Zein, há muitos anos dedicada ao estudo do tema¹. Admite ela que o termo é controverso, multívoco, de difícil definição. O “Primeiro Brutalismo” teria origem na arquitetura de Le Corbusier do pós II Guerra, quando o arquiteto passa a usar de forma expressiva o *béton brut* – concreto aparente. “Novo Brutalismo Inglês”, por outro lado, seria o nome adotado por uma geração de arquitetos britânicos do pós II Guerra, em especial pelo casal Alison e Peter Smithson, para qualificar um movimento característico de certo ambiente cultural inglês da primeira metade dos anos 50². Zein confere particular destaque ao livro de Reyner Banham, *The New Brutalism: ethic or aesthetic*³, escrito em 1966, talvez o mais conhecido e importante texto sobre o brutalismo internacional. Segundo ela, Banham, mais que esclarecer sobre o significado do termo Brutalismo, teria por objetivo enfatizar a contribuição dos Smithson, fazendo-lhes uma espécie de “elogio poético”. Mas para Banham, em última análise, brutalismo significaria a franca exposição dos materiais, especialmente do concreto armado, que pode ser usado tanto em estruturas como em vedações e coberturas, combinado ou não com tijolos aparentes. Seria principalmente uma questão de superfícies e elementos compositivos derivados de Le Corbusier, com certa crueza intencional nos detalhes e acabamentos. Zein conclui que tais características, misturadas a outras influências, são

suficientemente genéricas para ser usadas por uma ampla variedade de expressões arquitetônicas, incluindo algumas obras realizadas por um grupo de paulistas a partir de meados dos anos 50⁴.

Para Yves Bruand, o Brutalismo de Le Corbusier e o Brutalismo Inglês não têm nada em comum, exceto o gosto pelo emprego dos materiais em estado bruto. A partir deles, entretanto, surgiu uma linguagem arquitetônica áspera, decidida, que pode ser reencontrada em versão brasileira a partir dos anos 50, e cujo *chef de file* é o arquiteto paulista Vilanova Artigas⁵.

Esta arquitetura paulista a que se referem Zein e Bruand ficou conhecida como Brutalismo Paulista, e a ela foram dedicados numerosos estudos. Segundo Fuão, os arquitetos paulistas desse período tentam dar-lhe um caráter próprio, uma transfiguração do brutalismo universal numa linguagem especificamente paulista⁶. Acayaba diz que o brutalismo paulista dos anos 50-60 tinha foco no programa da casa unifamiliar e estabelece seus “dez mandamentos”: casas como objetos singulares na paisagem; lógica da implantação determinada pela situação geográfica; programa resolvido em bloco único; casa como modelo ordenador para a cidade; casa como máquina de habitar; casa resolvida em função de espaço interno (pátio, jardim ou vazio central); volumes independentes contendo espaços fechados e definindo espaços abertos; internos ou externos, espaços evoluindo uns dos outros; uso de materiais genéricos, se possível industrializados; relações sociais estabelecidas sob uma nova ética⁷.

Em dissertação de mestrado, Sanvitto⁸ estuda algumas casas paulistas do período 1957-1972. Constata dois conceitos principais geradores dessa produção: o “prisma elevado” e o “grande abrigo”. Os adeptos do prisma elevado tendem a conceber o edifício como objeto único e autônomo, desvinculando-o das divisas do lote e do contato com o solo; os adeptos do grande abrigo trabalham com uma grande e única cobertura, que pode ou não chegar até as divisas. O ordenamento interno das residências obedece prioritariamente a duas estratégias: programa desenvolvido em torno de um “núcleo gerador”, em geral um vazio central; ou o princípio da “unificação espacial”, em que os arquitetos evitam a compartimentação tradicional da planta com paredes e optam por volumes internos, com altura menor que o pé-direito, que configuram os ambientes. Os espaços das casas brutalistas eram normalmente ordenados por eixos e malhas e havia uma ênfase na planta livre, com pilares desvinculados das vedações. Além disso, o caráter programático não era fator relevante, já que as mesmas formas arquitetônicas poderiam ser usadas em vários programas⁹.

É incontestável que na São Paulo dos anos 50-70 forma-se um grupo de arquitetos com certas características em comum, tendo à frente Vilanova Artigas, militante de esquerda e professor da FAU-USP. Tal grupo concebia o projeto da casa burguesa como um laboratório de pesquisas para o projeto da casa popular, com decisões formais vinculadas à “honestidade estrutural” e à “verdade dos materiais”¹⁰. Dentre estes arquitetos estava Carlos Millan, a que Artigas se refere em texto-homenagem de 1965, escrito por ocasião da VIII Bienal de São Paulo:

“As últimas residências que [Millan] construiu em São Paulo revelam uma tendência para o que a crítica, em especial a europeia, chama de brutalismo. Um brutalismo brasileiro, por assim dizer. (...) Na obra de Millan, o uso dos materiais despídos e deliberadamente simples é a abertura de uma perspectiva para o avanço técnico (...)”¹¹.”

CARLOS MILLAN

Carlos Barjas Millan nasceu em 1927 em São Paulo. Ingressou na 2ª turma do curso de arquitetura da Universidade Mackenzie em 1947, graduando-se em 1951. Sua promissora carreira foi interrompida por um trágico acidente de automóvel em dezembro de 1964 (Fig. 1).



1. Carlos Millan.

MATERA, 2005, p. 23 e **AU**, n. 54, jun. /jul., 1994, p. 97.

Apesar da morte prematura, Millan teve uma trajetória rica em realizações, transitando por áreas tão diversas como desenho industrial, desenho urbano, arquitetura, ensino e política. Ainda na faculdade, participou como redator da *Revista Pilotis*, dedicada às artes e divulgadora de ideias modernas, contrapostas à orientação conservadora da FAU-Mackenzie. Também estudante, estagiou em dois dos maiores escritórios de arquitetura da época, com Oswaldo Bratke e Rino Levi. Nesse período, foi ligado à Juventude Universitária Católica (JUC), movimento estudantil vinculado aos padres dominicanos, com orientação progressista e envolvimento social.

Nos anos 50, aluga escritório de arquitetura com dois colegas, Sidney Fonseca e Luiz Roberto Carvalho Franco, com quem faz os dois primeiros projetos residenciais, um deles premiado na I Bienal de São Paulo na categoria de projetos de estudantes.

Em 1952, em sociedade com os arquitetos Miguel Forte, Jacob Ruchti, Plínio Croce e Chen Y Hwa, inaugura a *Preto & Branco*, primeira loja de móveis modernos de São Paulo, especializada em todos os elementos de interiores¹²; a maioria dos sócios havia estudado na FAU-Mackenzie. Ainda no início dos 50, faz alguns projetos residenciais em parceria com Ary de Queiroz Barros.

De 1955 a 1960, Millan divide escritório com Joaquim Guedes, formado na FAU-USP e ligado aos dominicanos, realizando alguns projetos em parceria. Guedes dá a Millan o primeiro livro sobre Le

Corbusier e o apresenta a Artigas, influenciando sua nova postura profissional a partir de finais dos anos 50.

Millan começa a lecionar na FAU-Mackenzie em 1957 e na FAU-USP em 1959. Afasta-se intelectualmente dos colegas da Mackenzie e aproxima-se dos da USP, mas, apesar da polarização que havia entre as duas escolas, foi o único arquiteto do período a transitar entre os dois grupos. Passa, também, a participar mais ativamente de entidades de classe, como IAB e CREA.

Em 1962 a FAU-USP institui uma comissão para a reforma do ensino de arquitetura e Millan produz o documento intitulado *O ateliê na formação do arquiteto*, em que propõe um avanço didático na estrutura pedagógica do curso; sua colaboração foi fundamental para a reforma instituída neste mesmo ano.

No âmbito da prática arquitetônica, os anos 60 marcam a fase de maturidade do arquiteto, iniciada com o projeto da casa para seu irmão Roberto Millan, premiada na VI Bienal de São Paulo (1961). É a primeira com intenções de pré-fabricação, com volume e elementos mais simples que os das residências anteriores, mas com detalhamento técnico refinado. A partir de então, suas obras passam a ter uma orientação mais ligada ao brutalismo corbusiano.

Conquanto haja autores que discriminem várias fases na carreira de Millan¹³, preferiu-se aqui dividi-la simplesmente em duas: a primeira até o ano de 1959 e a segunda a partir de 1960.

AS CASAS DE MILLAN

Para as análises a seguir foram considerados os dois trabalhos mais completos encontrados sobre a obra de Millan: a tese de doutorado de Carlos Faggin e a dissertação de mestrado de Sergio Matera¹⁴. Ambos apresentam um amplo inventário dos projetos do arquiteto, com dados coletados no acervo da FAU-USP¹⁵. Para fins deste ensaio, foram consideradas apenas as casas unifamiliares.

Os dados apresentados por ambos os autores em geral coincidem, embora haja exemplares presentes em apenas um dos trabalhos e algumas discordâncias quanto a datas. Ao compilar os dados, constata-se um total de 29 casas unifamiliares projetadas entre 1951 e 1964. Desse total, 21 casas (72,4%) foram construídas e 8 (27,6%) não; 22 (75,86%) foram projetadas individualmente e 7 (24,14%) em parceria com outros arquitetos; 25 (86,2%) apresentam-se isoladas no lote e apenas 4 (13,8%) são agrupadas, em fitas ou geminadas; 25 residências foram projetadas para uso permanente (82,2%), mas 4 delas (13,8%) apresentam programas de uso transitório, para férias na praia ou no campo.

Em relação à época de construção, 16 exemplares (55,17%) enquadram-se no período 1951-59 e 13 (44,83%) no período 1960-64, ou seja, pouco menos da metade da produção residencial de

Millan foi realizada em apenas quatro anos. Os encargos do arquiteto aumentam bastante nos últimos anos de sua vida, quando adquire maior maturidade profissional e afirma-se no panorama da arquitetura moderna paulista. A seguir, serão vistas as casas dos anos 50, em relação a programa, planta, volume, base, cobertura, estrutura e materiais construtivos.

CASAS INICIAIS (1951-59)

Nos trabalhos de Faggin e Matera, como já visto, foram registrados 16 projetos de casas unifamiliares ao longo dos anos 50. Nove deles foram realizados individualmente e sete em parceria com outros arquitetos; cinco não foram construídos. As influências são diversas, especialmente de arquitetos norte-americanos e brasileiros, levando a resultados variados, ainda sem a afirmação de uma linguagem própria do arquiteto; algumas características persistem após os anos 60, outras são amadurecidas e aperfeiçoadas.

Apresentação da amostra

Em 1951, em parceria com os colegas de faculdade Luiz Roberto de Carvalho Franco e Sidney Fonseca, Millan projeta as duas primeiras casas unifamiliares, ambas em lotes urbanos estreitos: Orôncio Arruda (Araraquara, SP) e Olívio Gomes (São José dos Campos, SP). A primeira, não construída, prenuncia a qualidade de sua obra futura: recebeu o 1º prêmio no Concurso de Estudantes da I Bienal Internacional de São Paulo; a segunda, construída, seria parte de um conjunto de casas para a Tecelagem Parahyba (Figs. 2 e 3).



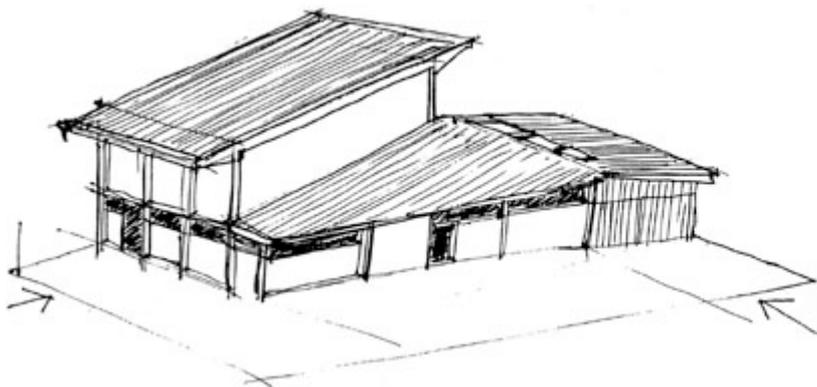
2. Casa Arruda. C. Millan, L. R. C. Franco e S. S. Fonseca, 1951, Araraquara, SP. Catálogo da I Bienal Internacional de São Paulo. MATERA, 2005, p. 127.



3. Casa Gomes. C. Millan, L. R. C. Franco e S. S. Fonseca, 1951, S. J. dos Campos, SP. Perspectivas. MATERA, 2005, p. 134.

Da Casa Plínio Junqueira, projetada e construída em 1953 na cidade de São Paulo, há apenas um croqui apresentado na tese de Faggin, e a descrição revela ser o lote pequeno e de esquina. A não construída Casa Érico Stickel (1952-54) foi projetada em parceria com Miguel Forte e Galiano Ciampaglia; isolada em amplo terreno trapezoidal, no Morumbi, tem planta hexagonal em torno de pátio interno e clara referência à Casa Hanna de Wright (Califórnia, 1936) (Figs. 4 e 5). Duas casas de 1952-53 – Marinho de Andrade e Munhoz Filho – foram projetadas em parceria com Ary

de Queiroz Barros e somente a primeira foi construída. Ambos os lotes são amplos e planos, na cidade de São Paulo (Figs. 6 e 7).



4. Casa Junqueira, C. Millan, 1953, São Paulo, SP. Croqui. FAGGIN, 1992, p. 37.

5. Casa Stickel. C. Millan, M. Forte e G. Ciampaglia, 1952-54, Morumbi, São Paulo, SP. Perspectivas. MATERA, 2005, p. 143.



6. Casa Andrade. C. Millan e A. de Q. Barros, 1952-53, Morumbi, São Paulo, SP. Perspectivas. MATERA, 2005, p. 149.

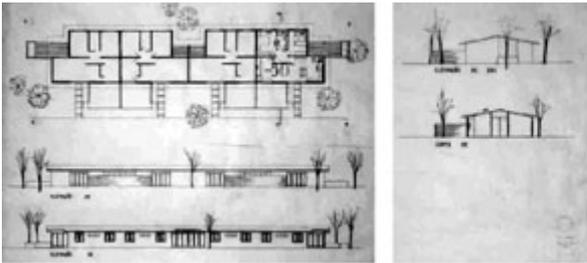
7. Casa Munhoz Fº. C. Millan e A. de Q. Barros, 1952-53, São Paulo, SP. Perspectivas. MATERA, 2005, p. 153.

A Casa Mitsuo Fujiwara (1954-55), em lote muito amplo em Aclimação, São Paulo, evoca as *Prairie Houses* de Wright e a arquitetura japonesa. A obra tem importância especial no trajeto profissional de Millan: sua excessiva complexidade tornou-a cara e de difícil execução, levando o arquiteto a questionar seu trabalho em relação a suas posturas sociais e religiosas (Fig. 8).

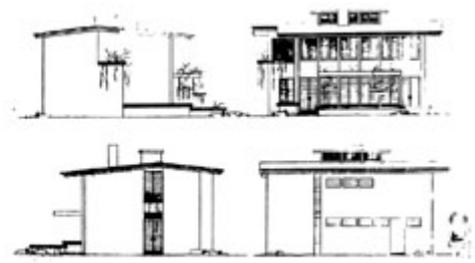


8. Casa Fujiwara. C. Millan, 1954-55, Aclimação, São Paulo, SP. Perspectiva. FAGGIN, 1992, p. 43.

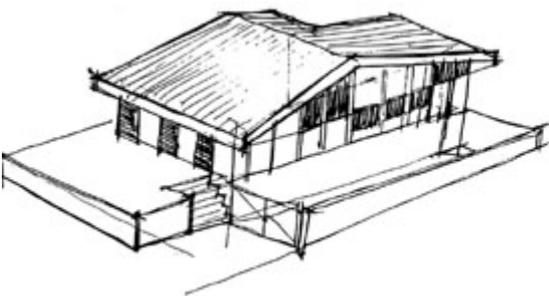
Das cinco casas seguintes, projetadas em 1956-57, – Ericsson do Brasil, Bernardo Poulenc, Maria Aparecida Azevedo, Freitas Valle e Alberto Muylaert – o material disponível é escasso. Da primeira, não construída, há estudos de projetos para casas em fita, partes de uma colônia de férias para a empresa Ericsson do Brasil; a segunda, construída, implanta-se em lote pequeno de meio de quadra em São José dos Campos (SP); da terceira, não construída, tem-se apenas um croqui volumétrico e sabe-se que ocuparia lote de 17x32m em São Paulo capital; Freitas Valle e Muylaert, ambas construídas, ficam na cidade de São Paulo, em lotes urbanos exíguos, supostamente planos, com cerca de 500 m² (Figs. 9, 10, 11, 12, 13).



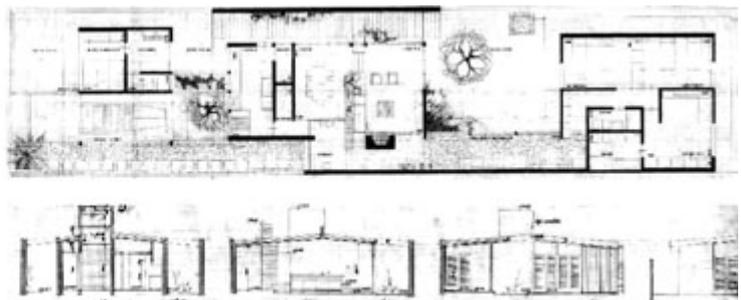
9. Residências para Ericsson do Brasil. C. Millan, 1956. Segundo estudo. MATERA, 2005, p. 184.



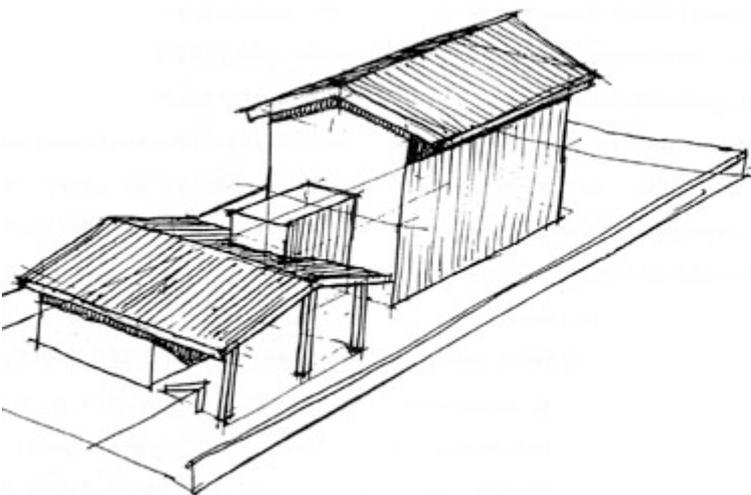
10. Casa Poulenc. C. Millan, 1956, S. J. dos Campos, SP. Elevações. FAGGIN, 1992, p. 70.



11. Casa Azevedo. C. Millan, 1956-57, São Paulo, SP. Croqui. FAGGIN, 1992, p. 39.



12. Casa Freitas Valle. Carlos Millan, 1956-57, Planalto Paulista, São Paulo, SP. MATERA, 2005, p. 187.

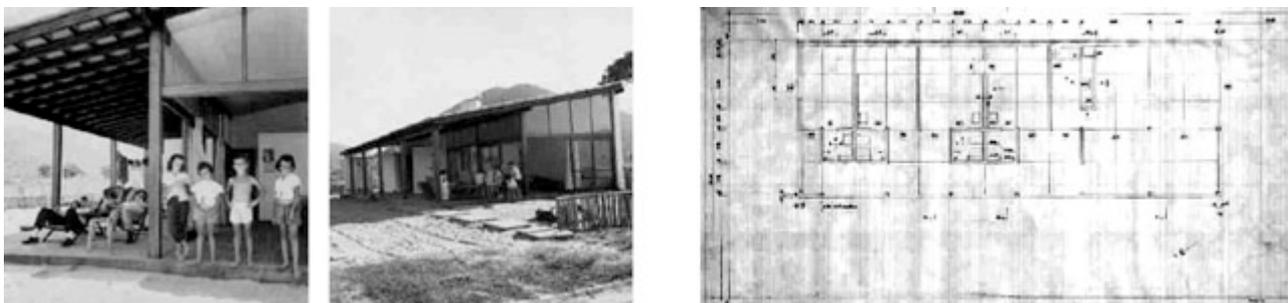


13. Casa Muylaert. C. Millan, 1956-57, Alto de Pinheiros, São Paulo, SP. Perspectiva. FAGGIN, 1992, p. 74.



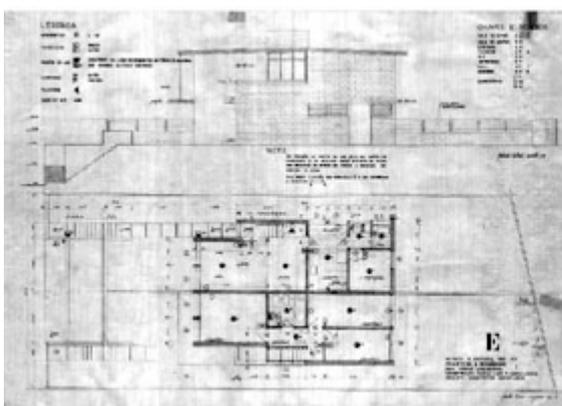
14. Casa Feitosa. C. Millan, 1957, Perdizes, São Paulo, SP. Perspectivas. MATERA, 2005, p. 191.

A casa Oliva Feitosa (1957), em Perdizes, São Paulo, marca um divisor de águas na obra de Millan: em terreno plano de aproximadamente 285 m², é a primeira com telhado oculto e sem beirais, dando início a um processo de limpeza compositiva que prenuncia a fase posterior (Fig. 14).

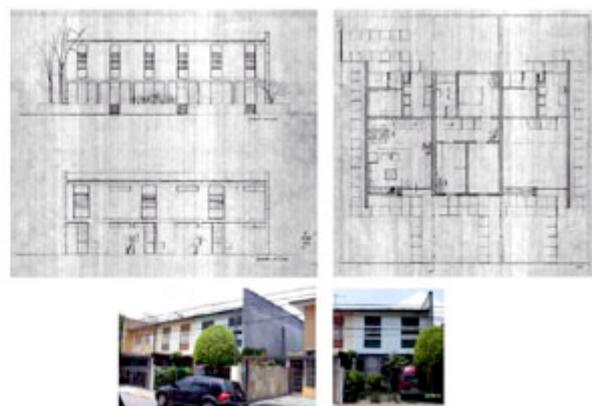


15. Casa João Marino. C. Millan, 1958, Praia da Lagoinha, Ubatuba, SP. Vistas e planta.
MATERA, 2005, p. 195.

A Casa João Marino (1958), na Praia da Lagoinha, Ubatuba (SP), é a primeira não urbana do arquiteto. Em terreno plano de 30 x 12,60m tem programa enxuto e é idealizada para execução rápida e econômica (Fig. 15). Os dois últimos encargos do período (1957-58) – para Luiz Antônio do Amaral e José Olympio Ferreira Maia – são conjuntos de duas e três casas respectivamente; implantadas em lotes exíguos, foram feitas em parceria com Joaquim Guedes com objetivo de aluguel e vendas (Figs. 16 e 17).



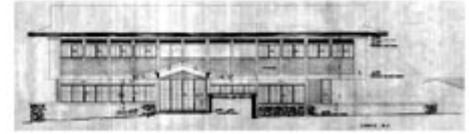
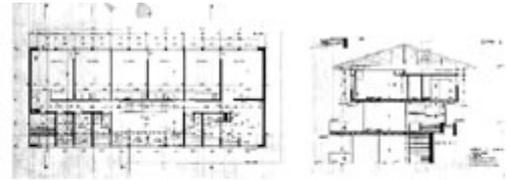
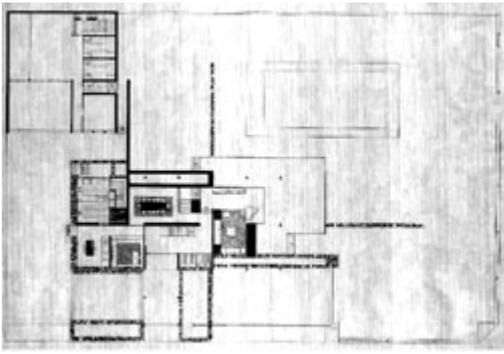
16. Casas L. A. Amaral. Millan e Guedes, 1957-58, Jabaquara, São Paulo, SP. Fachada e planta.
MATERA, 2005, p. 199.



17. Casas Ferreira Maia. Millan e Guedes, 1957-58, Brooklin, São Paulo, SP. Fachadas, planta e vistas.
MATERA, 2005, p. 200.

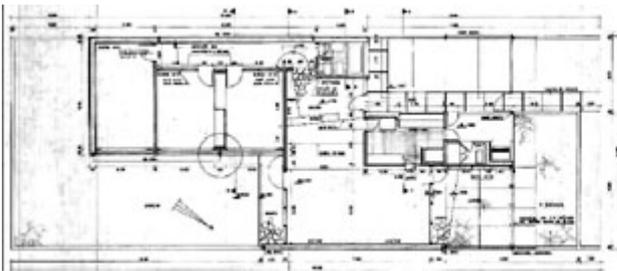
Programa e planta

As residências dos anos 50, na maioria dos casos, apresentam programas compactos, com maior frequência de casas de até 3 dormitórios (62,5%) e um percentual menor (37,5%) de casas com 4 ou mais dormitórios. Neste último caso enquadram-se a Casa Fujiwara, com 6 dormitórios, e as casas Stickel, Munhoz Filho, Poulenc, Muylaert e João Marino, todas com 4 dormitórios. São casas de um ou dois pavimentos, com escada interna ao volume principal. Apenas a Fujiwara apresenta uma parte com três pavimentos (Fig. 18).



18. Casa Fujiwara. Carlos Millan, 1954-55, Aclimação, São Paulo, SP. Plantas, corte e elevação. MATERA, 2005, p. 168-169.

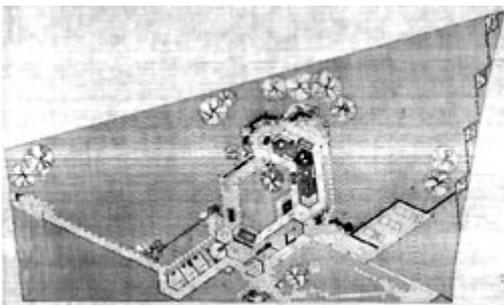
Já se percebe, em alguns projetos, o uso da cozinha linear com duas faixas de iluminação, usada de forma recorrente na década seguinte. Predominam as plantas recortadas, com dois ou mais núcleos, calcadas nas de Marcel Breuer, Richard Neutra e Frank Lloyd Wright. Muitas apresentam pátios internos e jardins de frente e fundos, influência de Rino Levi. A tradicional edícula de fundos também é frequente nas residências do período (Figs. 19 e 20).



19. Casa Arruda. C. Millan, L. R. C. Franco e S. S. Fonseca, 1951, Araraquara, SP. Planta. MATERA, 2005, p. 128.

20. Casa Gomes. C. Millan, L. R. C. Franco e S. S. Fonseca, 1951, S. J. dos Campos, SP. Planta. MATERA, 2005, p. 133.

As plantas são, na maioria, compostas de retângulos, exceto a Casa Stickel, formada por uma série de hexágonos e pentágonos dispostos em torno de um pátio; fica clara aí a influência da Casa Hanna, de Wright (1936) (Figs. 21 e 22). Apenas uma casa desta década tem planta retangular, sem qualquer recorte ou pátio interno: a João Marino, de 1958, na Praia da Lagoinha. Não por acaso, é a última do período, quando já se percebe um processo de simplificação que se acentua na década seguinte (Fig. 15).

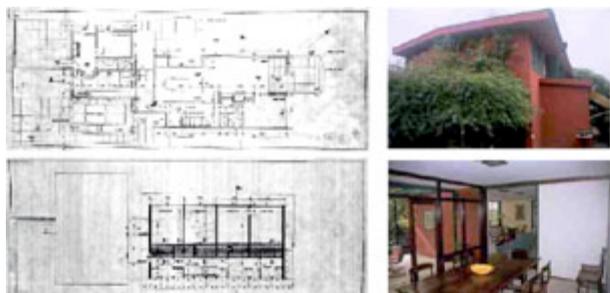


21. Casa Stickel. C. Millan, M. Forte e G. Ciampaglia, 1952-54, Morumbi, São Paulo, SP. Planta. MATERA, 2005, p. 141.

22. Casa Hanna. F. L. Wright, 1937, Palo Alto, Califórnia, EUA. Planta. HITCHCOCK, 1982, fig. 351.

Volume, base e cobertura

Os volumes das casas dos anos 50 são em geral aditivos ou recortados por pátios internos. Muitas têm apenas um pavimento de altura, coladas a uma ou duas divisas, com pátio interno, como a Olívio Gomes (Figs. 3 e 20); outras têm volumes isolados no lote, com pequenos afastamentos; em certos casos, seus programas exigem dois pavimentos, como na Muylaert (Fig. 23). A maioria das casas de mais de um piso compõe-se de volumes aditivos, com parte do volume em um pavimento, parte em dois.



23. Casa Muylaert. C. Millan, 1956-57, Alto de Pinheiros, São Paulo, SP. Plantas e vistas.
MATERA, 2005, p. 188.



24. Casa Feitosa. C. Millan, 1957, Perdizes, São Paulo, SP. Vista da rua.
MATERA, 2005, p. 191.

Uma característica das casas do período é que são quase todas pousadas diretamente sobre o solo. Mesmo as compostas por mais de um pavimento tendem a ter a base sobre o solo, exceto, às vezes, por algum pequeno trecho elevado (Fig. 24). Em dois exemplares – Stickel e Andrade – parte da base é em pedras naturais (Fig. 25). Como as casas de Breuer, Neutra e Wright, a maioria tem forte relação com os espaços abertos adjacentes (Fig. 15).

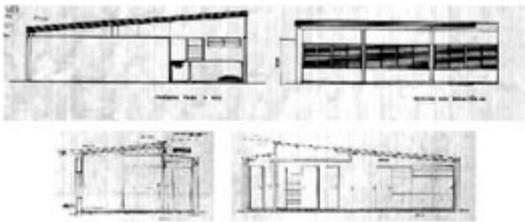


25. Casa Andrade. C. Millan e A. de Q. Barros, 1952-53, Morumbi, São Paulo, SP. Elevações.
MATERA, 2005, p. 148.

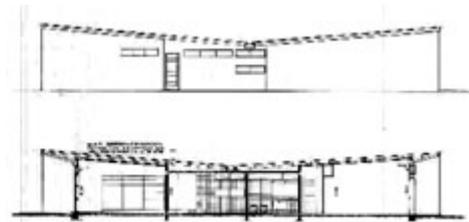


26. Casa Fujiwara. C. Millan, 1954-55, Aclimação, São Paulo, SP. Perspectiva.
MATERA, 2005, p. 167.

A maioria das residências tem telhados inclinados com duas águas; os amplos beirais, como nas casas de Wright, são uma marca do período (Fig. 26). Apenas duas apresentam coberturas de uma água, Arruda e Marino (Fig. 27). Algumas, com múltiplos volumes e alturas, apresentam coberturas mistas, com uma e duas águas, como a Plínio Junqueira (Fig. 4). O único caso de cobertura borboleta é o da Casa Olívio Gomes; a única laje plana, mas ainda assim com amplos beirais, é o da Marinho de Andrade (Figs. 28 e 29). Algumas apresentam telhados sobre lajes inclinadas (Junqueira, Munhoz, Valle, Muylaert); outras, sobre forros de materiais isolantes (Arruda, Gomes); outras, ainda, têm parte do telhado sem forro (João Marino) (Fig. 15). O único caso de telhado embutido e sem beirais é o da Casa Feitosa, que representa uma transição para a linguagem dos anos 60 (Figs. 24 e 30).



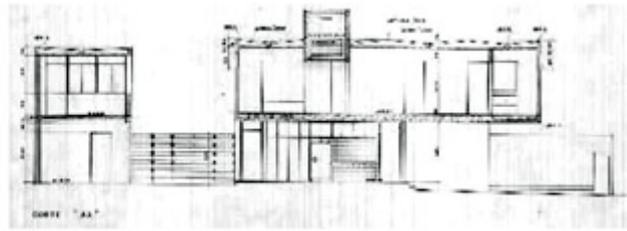
27. Casa Arruda. C. Millan, L. R. C. Franco e S. S. Fonseca, 1951, Araraquara, SP. Cortes e elevações. MATERA, 2005, p. 129.



28. Casa Gomes. C. Millan, L. R. C. Franco e S. S. Fonseca, 1951, S. J. dos Campos, SP. Cortes. MATERA, 2005, p. 134.



29. Casa Andrade. C. Millan e A. de Q. Barros, 1952-53, Morumbi, São Paulo, SP. Vistas. MATERA, 2005, p. 147.



30. Casa Feitosa. C. Millan, 1957, Perdizes, São Paulo, SP. Corte. MATERA, 2005, p. 192.

Os telhados podem ser de telhas de fibrocimento (Arruda, Gomes, Valle, Feitosa) ou de barro (Fujiwara, Marino); o telhado da Casa Fujiwara é o único que tem acabamento de beiral nos quatro sentidos, simulando quatro águas, alusão à arquitetura japonesa (Fig. 26).

Estrutura, elementos e materiais

Nos anos 50, Millan transita entre dois tipos de estrutura: paredes portantes e esqueleto independente de concreto armado. Nas duas primeiras residências – Arruda e Gomes – a análise dos desenhos leva a crer que são usadas paredes auto-portantes. Nas sete casas seguintes – Junqueira, Stickel, Andrade, Munhoz Filho, Fujiwara, Poulenc e Azevedo – as estruturas são independentes. Nas casas para Ericsson do Brasil, os desenhos sugerem o uso de estrutura independente, e nas casas Valle e Muylaert, de paredes portantes; na João Marino as paredes portantes são utilizadas junto com pilares de madeira, que suportam a estrutura do telhado; na Casa Feitosa e nos Conjuntos Amaral e Ferreira Maia, por fim, são utilizadas estruturas independentes, estes dois últimos projetos modulados em função da alvenaria de blocos de concreto (Figs. 16 e 17).

Em quase todas as estruturas independentes os pilares de concreto têm seção retangular, exceto na Casa Stickel, em que os pilares são hexagonais. Também na maioria dos exemplos a estrutura é pintada de branco, integrando-se às paredes de alvenaria rebocadas e também pintadas de branco; exceção é a Casa Marino, em que os pilares de madeira ficam aparentes (Fig. 15).

As paredes são quase todas em alvenaria de tijolos rebocados e pintados. Em poucos casos – Stickel, Andrade, Fujiwara – é usado o revestimento com cerâmica, emulando tijolo à vista. Nos dois últimos conjuntos – Amaral e Ferreira Maia – as alvenarias são de blocos de concreto, material que será recorrente na produção dos anos 60. Em três residências – Stickel, Andrade e

Munhoz – a pedra natural é usada na base e em algumas paredes (Figs. 5 e 25). Os caixilhos são de ferro, madeira ou ambos os materiais usados em conjunto.

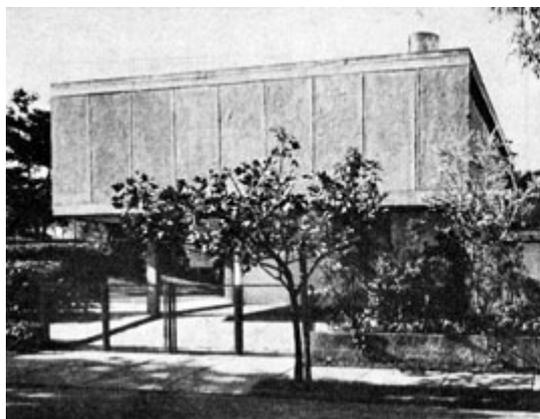
CASAS DA MATURIDADE (1960-64)

Tendo em vista o desaparecimento precoce do arquiteto, quando certamente muito teria ainda a produzir, convencionou-se aqui que sua fase madura coincide com os quatro anos finais da carreira, durante os quais ele se aproxima do grupo FAU-USP, depura a linguagem e sua obra adquire características do Brutalismo Paulista.

Nos trabalhos de Faggin e Matera são registrados 13 projetos de casas unifamiliares (44,83%) nesses últimos quatro anos. São todos individuais e três deles não foram construídos. As casas adquirem novas características, algumas das quais já esboçadas na fase anterior, consolidando uma linguagem característica de Millan.

Apresentação da amostra

A primeira grande obra do período foi a casa para o irmão Roberto Millan (1960); implantada em lote de esquina, plano, com área de 760 m², situa-se no Alto de Pinheiros, cidade de São Paulo. Como nos anos 50, Millan abre a década com uma premiação: recebe por este projeto menção honrosa na categoria de habitação individual na VI Bienal de São Paulo de 1961 (Fig. 31).



31. Casa Roberto Millan. Carlos Millan, 1960, Alto de Pinheiros, São Paulo, SP. Vistas.
XAVIER; LEMOS; CORONA, 1983, fig. 54 e ACAYABA, 2011, p. 157.

Ainda em 1960, projeta e constrói mais duas residências, uma no Brooklin e outra no Ibirapuera. A Casa Müller Carioba, em terreno de 1250 m², implanta-se junto a um dos limites do lote, com amplo jardim do lado oposto; é a primeira casa de Millan com cobertura em abóbadas. A Arouche de Toledo fica em lote plano de esquina, com 640 m². Ambas são residências mais convencionais, sem a mesma clareza espacial e volumétrica da casa anterior (Figs. 32 e 33).

Outra obra importante do período é a Casa Nadyr de Oliveira (1960-61), na Cidade Jardim, São Paulo, em lote de 1000 m² com acentuado declive e vista para o bosque do Morumbi. Foi a

primeira residência em que Millan utilizou o conceito de “casa-apartamento”, com todos os ambientes principais situados no piso superior elevado em pilotis (Fig. 34).



32. Casa Müller Carioba. Carlos Millan, 1960, Brooklin, São Paulo, SP. Croqui e vista.
MATERA, 2005, p. 235 e ACRÓPOLE, n. 332, set. 1966, p. 20.



33. Casa Arouche de Toledo. Carlos Millan, 1960, Ibirapuera, São Paulo, SP. Vistas.
MATERA, 2005, p. 241-242.



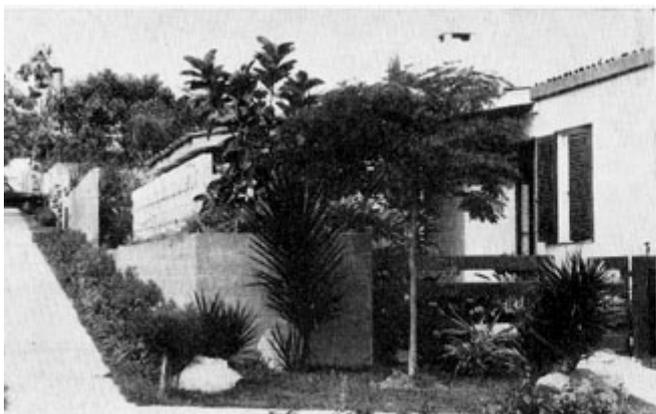
34. Casa Nadyr de Oliveira. Carlos Millan, 1960-61, Cidade Jardim, São Paulo, SP. Vistas.
ACRÓPOLE, n. 317, mai. 1963, p. 36-37.

Em 1960-61, a fábrica Eternit encomenda a Millan um protótipo de habitação industrializável, em lote plano de aproximadamente 1000 m², em Osasco, SP. Proposto para ser pré-fabricado fora do canteiro, com peças e elementos da empresa, o protótipo exigiu extenso detalhamento de encaixes e montagens pouco usuais na construção civil, o que acarretou problemas de execução

(Fig. 35). Em 1961, Penna Moreira encomenda um conjunto residencial composto por 10 casas no Brooklin Paulista, feitas com orçamento limitado e objetivo de vendas. O terreno plano tinha 5000 m² e foi loteado em parcelas retangulares de 12x32m, com casas encostadas a um dos limites laterais (Fig. 36).



35. Casa Eternit Cimento Amianto S.A. Carlos Millan, 1960-61, Osasco, SP. Vistas.
ACRÓPOLE, n. 332, set. 1966, p. 22-23.



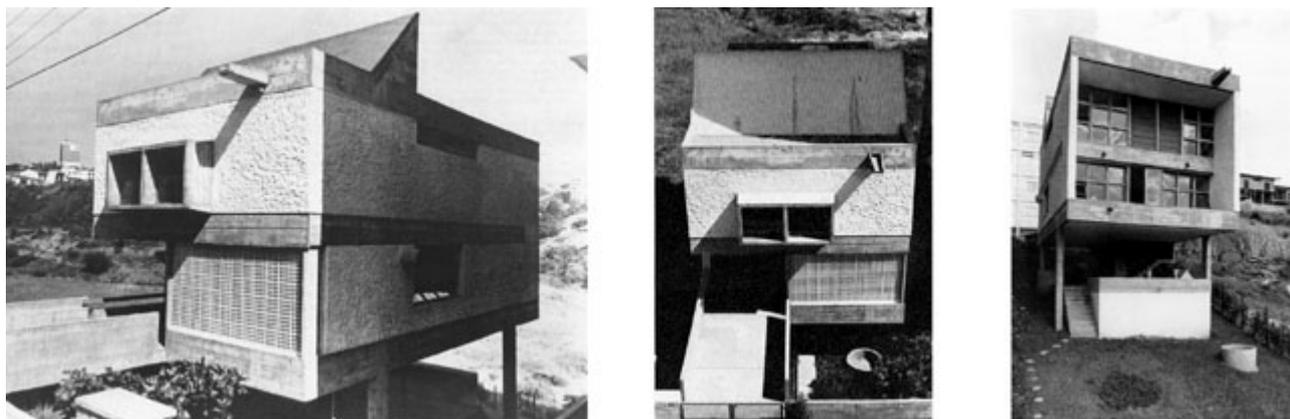
36. Grupo Residencial Penna Moreira. Carlos Millan, 1961, Brooklin, São Paulo, SP. Vistas.
ACRÓPOLE, n. 332, set. 1966, p. 24.

Mais um projeto relevante marca o período: a Casa Antônio D'Elboux, 1962, foi encomenda de um funcionário público de classe média, ligado aos dominicanos. Situado em Perdizes, São Paulo, o lote urbano restrito (385 m²) tem acentuado declive em direção aos fundos. Pensada como casa urbana econômica, com pequenas modificações poderia ser construída em série; nela Millan propõe elementos que o aproximam ainda mais do brutalismo corbusiano (Fig. 37).

A Casa Jorge Riskallah (1962-63) implanta-se em lote de 1125 m² no Jardim América, São Paulo; fica próxima a uma das divisas laterais, com espaços dos outros três lados (Fig. 38). Millan projeta também, durante cinco anos (1959-1964), a casa que seria para sua família. Em lote amplo (1600 m²) com declividade lateral, no Morumbi, a casa teve proposta de duas ampliações: um ateliê na cobertura e um pavilhão anexo para escritório do arquiteto. Em razão de outras prioridades de trabalho, o projeto acabou nunca sendo construído (Fig. 39).

Duas casas de 1964, uma construída e outra não, têm características muito semelhantes: Gertrudes Wagner e José Malfitani. São casas-apartamento em lotes de grandes dimensões, a

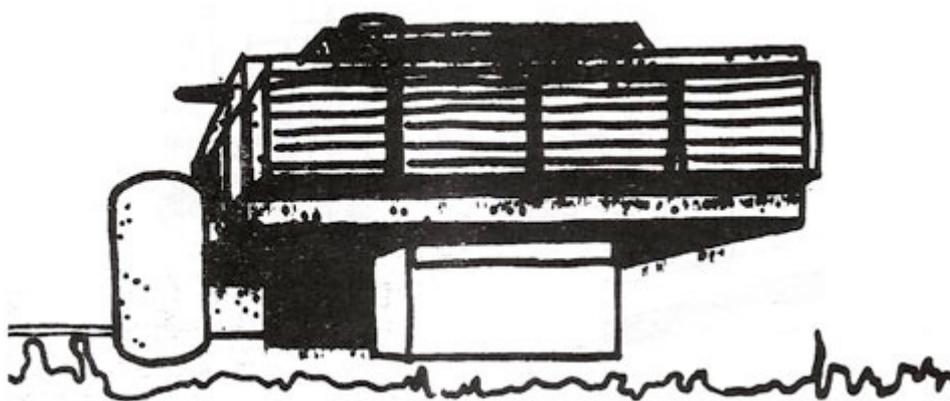
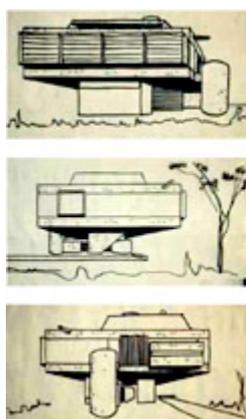
primeira no Morumbi e a outra em lugar não esclarecido. Caracterizam-se por algumas novidades, como o volume em abóbada sobre a cobertura (Figs. 40 e 41).



37. Casa Antonio D'Elboux. Carlos Millan, 1962, Perdizes, São Paulo, SP. Vistas. ACRÓPOLE, n. 317, mai. 1963, p. 24 e ACAYABA, 2011, p. 197 e 203.



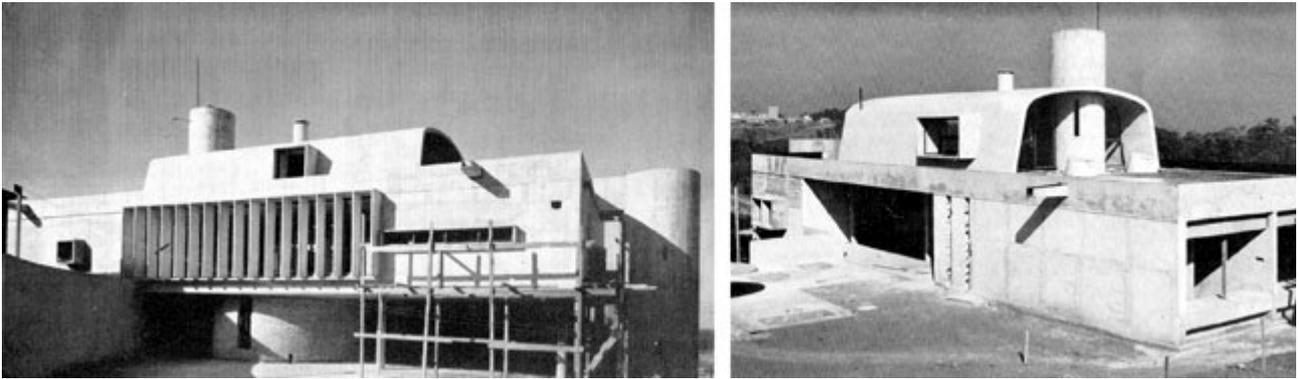
38. Casa Jorge Rizkallah. Carlos Millan, 1962-63, Jardim América, São Paulo, SP. Vistas. MATERA, 2005, p. 315-316-317.



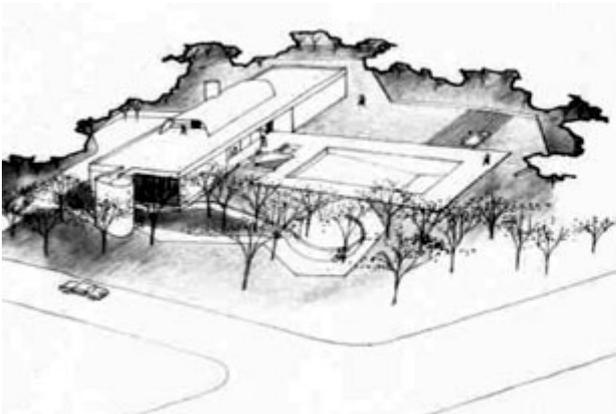
39. Casa Carlos Millan. Carlos Millan, 1959-64, Morumbi, São Paulo, SP. Croquis. MATERA, 2005, p. 323 e AU, n. 54, jun./jul., 1994, p. 100.

Os dois últimos projetos, ambos de 1964, são para sítios não urbanos. Também não construída, a Casa Barroquinha do Salmorão, para Olavo Sacchi, fica em Joaquim Egídio (SP). Em lote rural de grandes dimensões, o projeto apresenta programa mais extenso que os demais. É a primeira casa de Millan com solução em rampa, posicionada centralmente ao projeto (Fig. 42). A Casa Mário

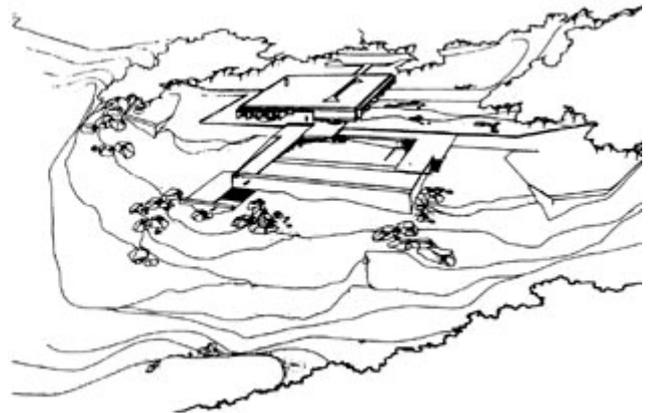
Masetti (1964), na Praia da Lagoinha, Ubatuba (SP), é a última construída. O lote amplo e plano limita-se pela praia de um lado e pelo Rio Lagoinha de outro; Millan opta pelo uso de mão de obra e materiais locais, adaptando-se à falta de recursos tecnológicos da região (Fig. 43).



40. Casa Gertrudes Elizabeth Wagner. Carlos Millan, 1964, Morumbi, São Paulo, SP. Vistas.
ACRÓPOLE, n. 332, set. 1966, p. 31.



41. Casa José Malfitani. Carlos Millan, 1964, São Paulo, SP. Perspectiva do autor.
MATERA, 2005, p. 343.



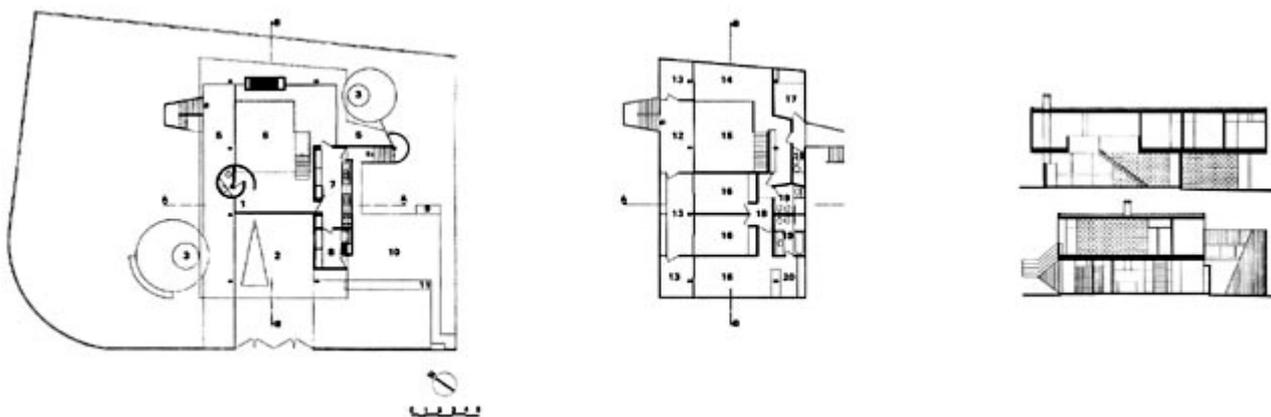
42. Casa Barroquinha do Salmorão (Olavo Sacchi). Carlos Millan, 1964, São Paulo, SP. Perspectiva.
FAGGIN, 1992, p. 149.



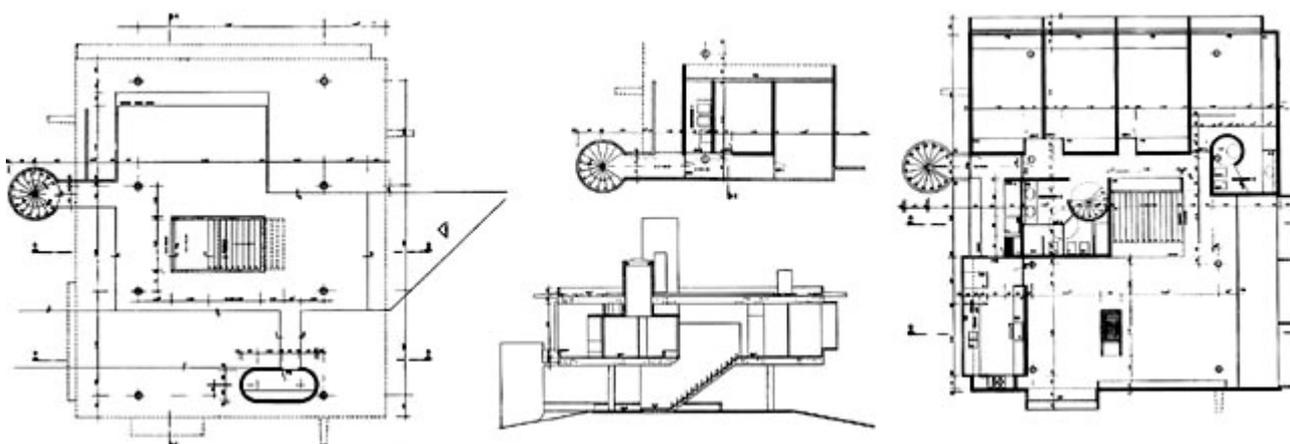
43. Casa na Praia da Lagoinha para Mário Masetti. Carlos Millan, 1964, Praia da Lagoinha, Ubatuba, SP. Vistas.
ACRÓPOLE, n. 332, set. 1966, p. 40.

Programa e planta

As residências dos anos 60 são, em geral, maiores que as da década anterior; 53,8% apresentam programas com três dormitórios mais dependências de empregados (Roberto Millan, Carioba, Oliveira, Eternit, Moreira, Wagner e Malfitani) (Fig. 44) e 46,2% têm quatro ou mais dormitórios (Toledo, D'Elboux, Rizkallah, Carlos Millan, Salmorão e Masetti) (Fig. 45). A Casa Antônio D'Elboux, apesar dos quatro dormitórios, tem programa bastante compacto, com áreas mínimas para os ambientes (Fig. 46). O protótipo Eternit, o conjunto Penna Moreira e a Casa Mário Masetti também apresentam programas compactos, em apenas um pavimento (Fig. 47). A Barroquinha do Salmorão, por outro lado, é uma casa de campo com amplo programa e grandes dimensões, incluindo cinco dormitórios para a família e amplos espaços sociais (Fig. 48); também a Casa Rizkallah tem áreas maiores que a média (Fig. 49).



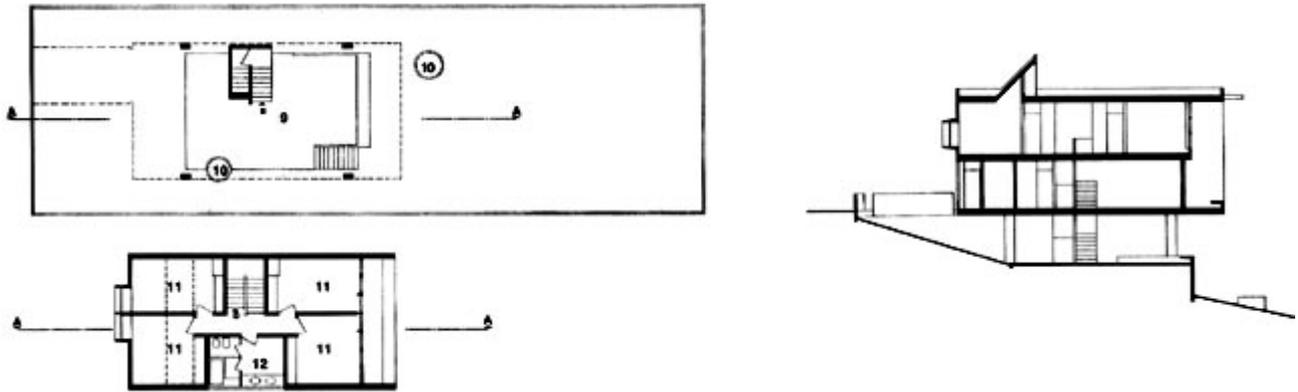
44. Casa Roberto Millan. Carlos Millan, 1960, Alto de Pinheiros, São Paulo, SP. Plantas e cortes.
ACAYABA, 2011, p. 160-161.



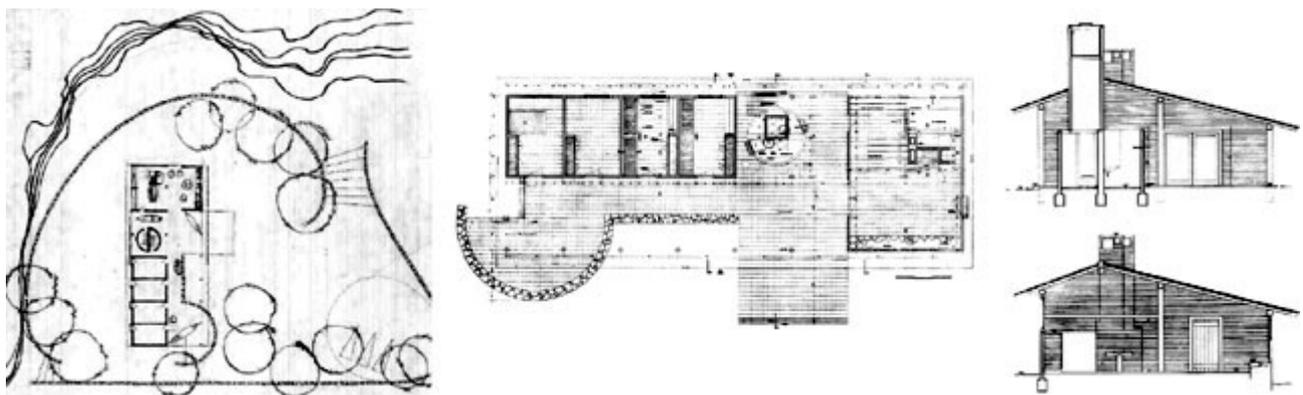
45. Casa Carlos Millan. Carlos Millan, 1959-64, Morumbi, São Paulo, SP. Plantas e corte (1ª versão).
ACRÓPOLE, n. 317, mai. 1963, p. 41-42.

As plantas do período apresentam maior clareza compositiva que as dos anos 50: o predomínio é de retângulos elevados em pilotis e térreos mais ou menos ocupados. São exemplos: Roberto Millan, Oliveira, D'Elboux, Rizkallah, Carlos Millan, Wagner, Malfitani e Salmorão (Fig. 50). Destas,

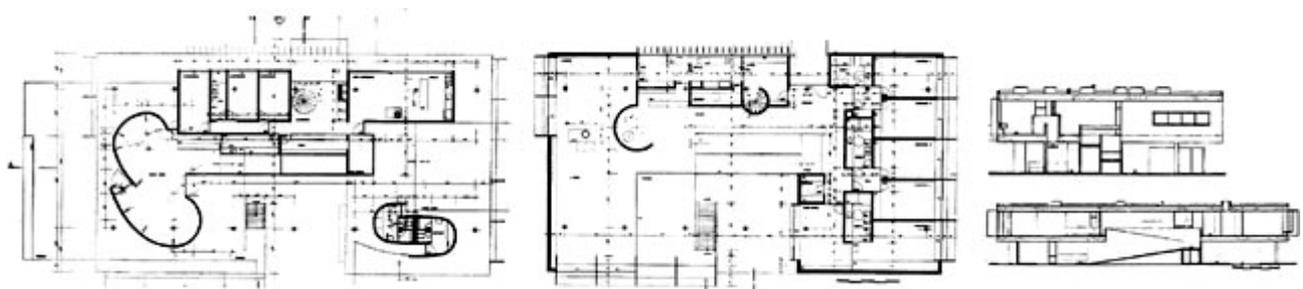
as típicas casas-apartamento, com mínima ocupação do térreo, são Oliveira, D'Elboux, Carlos Millan, Wagner e Malfitani (Fig. 51). D'Elboux tem dois pavimentos sobre pilotis e Carlos Millan, Wagner e Malfitani têm ocupação parcial da cobertura e do subsolo (Figs. 45 e 46). As demais – Roberto Millan, Rizkallah e Salmorão – têm o térreo parcialmente ocupado, com áreas sociais e serviços (Fig. 44 e 48).



46. Casa Antonio D'Elboux. Carlos Millan, 1962, Perdizes, São Paulo, SP. Plantas e corte.
ACAYABA, 2011, p. 200-201.



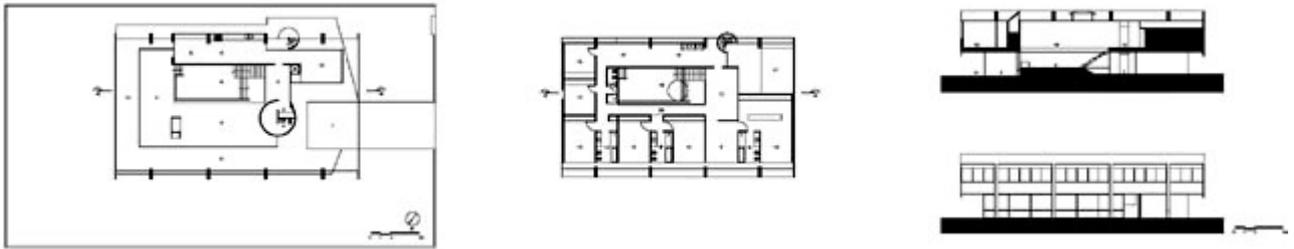
47. Casa Masetti. Carlos Millan, 1964, Praia da Lagoinha, Ubatuba, SP. Implantação, planta e cortes.
MATERA, 2005, p. 364-365 e ACRÓPOLE, n. 332, set. 1966, p. 41.



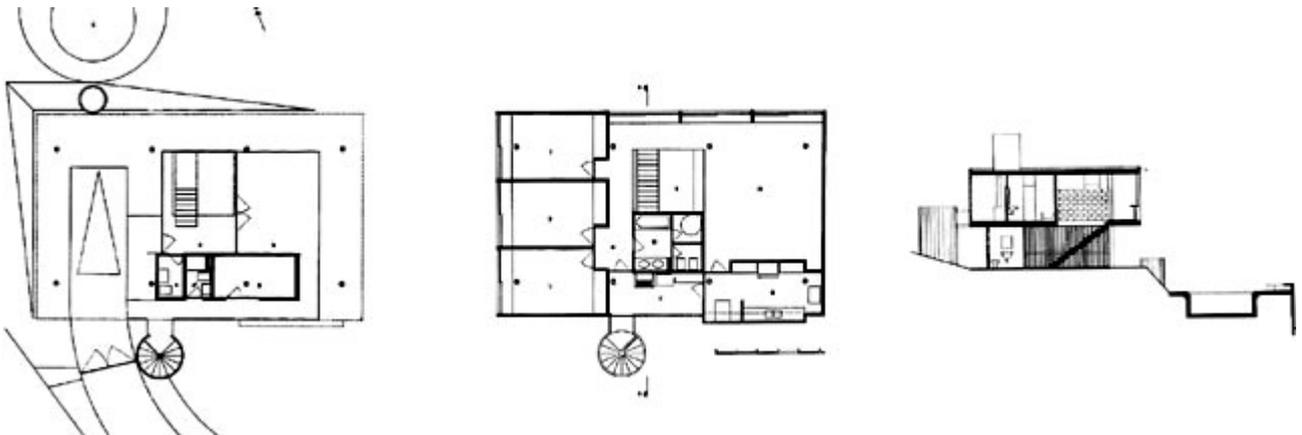
48. Casa Barroquinha do Salmorão. Carlos Millan, 1964, São Paulo, SP. Plantas e cortes.
ACRÓPOLE, n. 332, set. 1966, p. 36-37.

As casas Carioba e Toledo têm plantas em T e fogem ao padrão do período, não apresentado a mesma clareza de organização (Fig. 52). Eternit e Masetti, com apenas um pavimento, são retângulos alongados com varandas que recortam as plantas (Fig. 53). As casas Penna Moreira

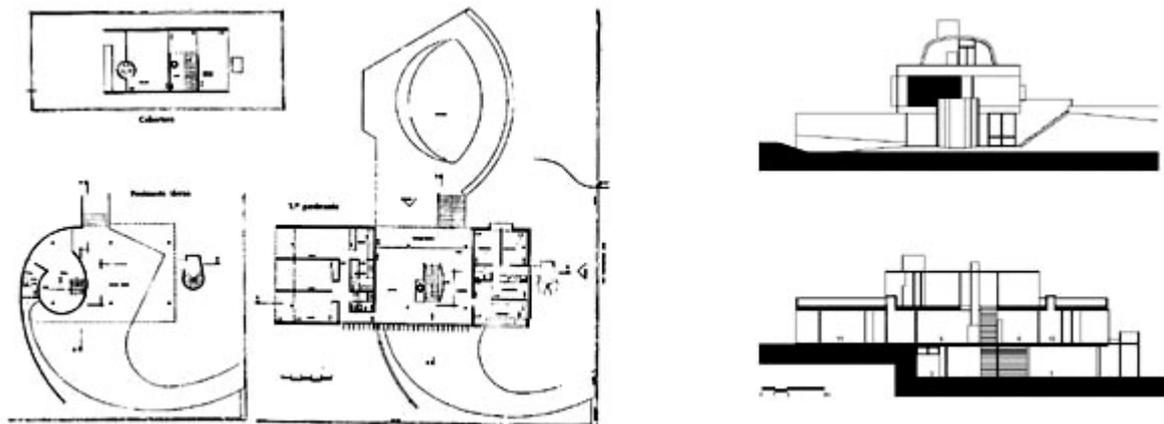
têm também plantas em T, formadas por retângulos alongados ligados entre si por abrigos de automóveis (Fig. 54).



49. Casa Jorge Rizkallah. Carlos Millan, 1962-63, Jardim América, São Paulo, SP. Plantas e cortes. MATERA, 2005, p. 315-317.



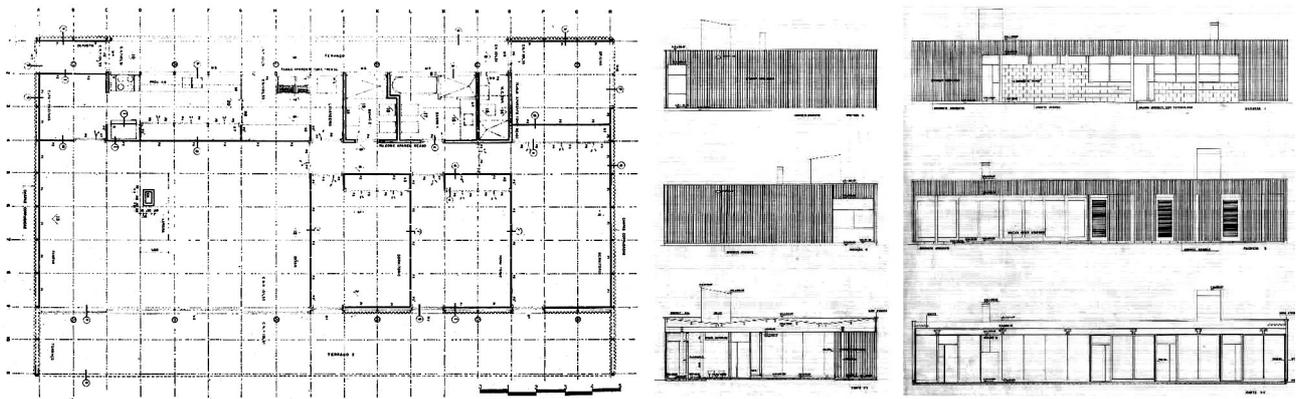
50. Casa Nadyr de Oliveira. Carlos Millan, 1960-61, Cidade Jardim, São Paulo, SP. Plantas e corte. ACRÓPOLE, n. 317, mai. 1963, p. 38 e ACAYABA, 2011, p. 167.



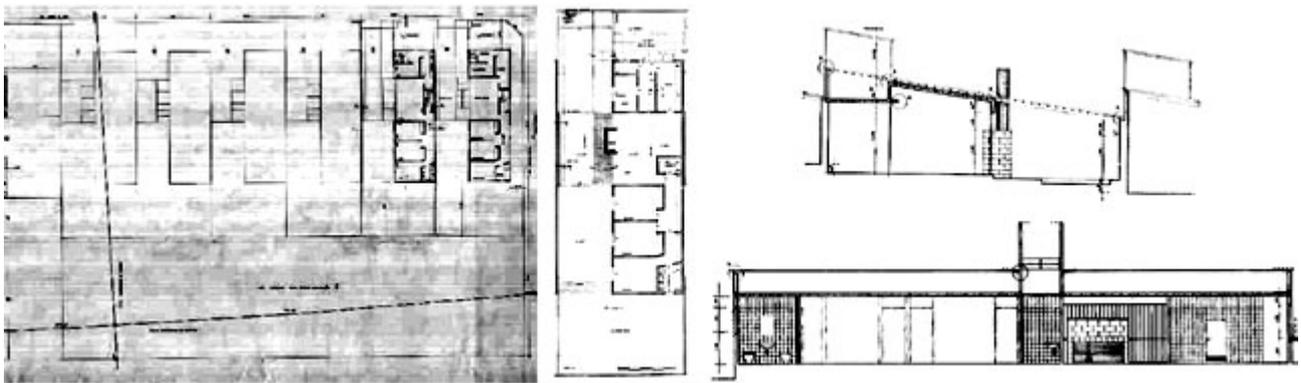
51. Casa Gertrudes Wagner. Carlos Millan, 1964, Morumbi, São Paulo, SP. Plantas e cortes. ACRÓPOLE, n. 332, set. 1966, p. 32 e MATERA, 2005, p. 341.



52. Casa Müller Carioba. Carlos Millan, 1960, Brooklin, São Paulo, SP. Plantas e cortes. ACRÓPOLE, n. 332, set. 1966, p. 21.

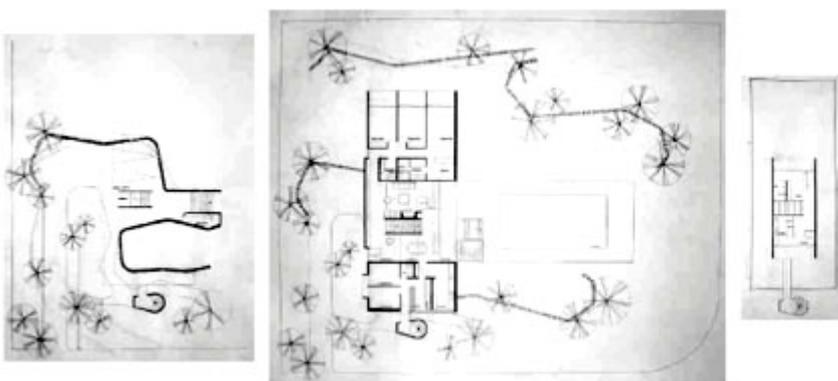


53. Casa Eternit. Carlos Millan, 1960-61, Osasco, SP. Planta, cortes e elevações.
MATERA, 2005, p. 255-258.



54. Grupo Residencial Penna Moreira. Carlos Millan, 1961, Brooklin, São Paulo, SP. Plantas e cortes.
MATERA, 2005, p. 262 e ACRÓPOLE, n. 332, set. 1966, p. 24-25.

Outra característica importante das casas-apartamento é que suas plantas se desenvolvem em torno de um vazio, nem sempre central, com dupla altura, escada adjacente e circulação periférica (Roberto Millan, Oliveira, Rizkallah, Carlos Millan, Salmorão). A D'Elboux, embora centralizada pela escada, não apresenta o vazio de dupla altura, provavelmente em razão da economia de área. As casas Wagner e Malfitani têm organização diferente: suas plantas conformam três faixas adjacentes, com escada e áreas sociais ao centro, dormitórios numa extremidade e serviços na outra (Fig. 51 e 55).



55. Casa José Malfitani. Carlos Millan, 1964, São Paulo, SP. Croquis.
MATERA, 2005, p. 344.



56. Casa Roberto Millan. Cozinha
<http://www.carlosmillan.com.br/>

Muitas plantas apresentam mais de uma circulação vertical, com escadas social e de serviços separadas (Fig. 44). Também são recorrentes as cozinhas lineares, com duas faixas de iluminação, uma sobre o plano de trabalho e outra sobre o armário suspenso, já presentes na fase anterior (Fig. 56). Outra característica das plantas do período é o banheiro compartimentado, que, quando interno ao volume, é iluminado e ventilado zenitalmente. Aparece nas casas Oliveira, Eternit, D'Elboux, Carlos Millan e Masetti (Figs. 46 e 50).

Volume, base e cobertura

Os volumes do período são claros e simples, às vezes complementados por volumes secundários. Predominam os prismas elevados em pilotis, presentes nas típicas casas-apartamento e em suas variantes, com ocupação parcial do térreo. A Casa Roberto Millan tem uma das faces não ortogonal, explicável pelo paralelismo que estabelece com o limite adjacente do lote (Fig. 44); Oliveira, D'Elboux, Riskallah, Carlos Millan e Salmorão são prismas de base retangular sobre pilotis térreos (Figs. 34, 37, 38, 39 e 42). Nas casas Wagner e Mafitani o prisma superior tem base retangular mais alongada e volume em abóbada sobre a cobertura (Figs. 40 e 41).

Os volumes secundários, muitas vezes arredondados, são, em regra, escadas de serviço. Na Casa Roberto Millan, além do volume semicircular da escada de serviço, também se destaca o volume trapezoidal da escada social; nas casas Oliveira, Roberto Millan, Wagner e Mafitani as escadas de serviço são volumes quase cilíndricos, com alturas mais baixas que o prisma principal (Fig. 57); na Rizkallah, apenas parte da escada se destaca do volume principal; na D'Elboux não há escadas externas, mas uma passarela que liga a casa à rua frontal (Fig. 58).



57. Casa Nadyr de Oliveira. Escada. Laje.

ACRÓPOLE, n. 317, mai. 1963, p. 37.

58. Casa D'Elboux. Passarela.

ACAYABA, 2011, p. 202.

59. Casa Roberto Millan.

<http://comover-arq.blogspot.com.br>

As casas Carioba e Toledo, destoando da produção do período, têm plantas e volumes mais complexos, com recortes laterais e alturas variadas (Figs. 32 e 33). As casas de um pavimento apresentam situações diferenciadas quanto ao volume: o protótipo Eternit é um prisma de base retangular apoiado sobre o solo, com subtração da varanda frontal; as casas Penna Moreira formam fitas que agregam plantas em T e telhados em águas; a Casa Masetti tem volume vazado por varandas, unificado por uma cobertura em duas águas (Figs. 35, 36 e 43).

Algumas residências, especialmente os prismas elevados, têm uma ou duas empenas cegas ou quase cegas. Roberto Millan e D'Elboux têm frente-fundos ou laterais praticamente cegas, com aberturas para os outros lados (Figs. 44 e 46); Oliveira e Rizkallah têm apenas uma empena fechada (Figs. 49 e 50); Wagner, Malfitani e Salmorão intercalam partes abertas e fechadas nos quatro lados (Figs. 48, 51 e 55). Uma característica da maioria dos exemplos é a expressão do programa interno nas fachadas: tamanho e tipo de aberturas revelam zonas social, íntima e serviços.

As principais casas do período têm bases elevadas em pilotis, como a emblemática Villa Savoye de Le Corbusier, com térreo quase todo livre ou parcialmente ocupado (Fig. 34). Carioba e Toledo fogem à regra, implantando-se quase totalmente sobre o solo (Figs. 32, 33 e 52). As casas térreas têm partes do volume recortado ou permeável (Figs. 43 e 47).

As coberturas do período são de três tipos: planas, inclinadas ou em abóbadas. As planas e sem terraço superior, em concreto impermeabilizado, são maioria: Roberto Millan, Oliveira, D'Elboux, Rizkallah, Carlos Millan e Salmorão. Ainda assim, todas apresentam volumes secundários, mais ou menos destacados sobre a cobertura, como chaminés de lareiras, reservatórios d'água, vigas invertidas (Rizkallah), domos ou *sheds* de iluminação zenital (D'Elboux, Fig. 46).

As coberturas inclinadas apresentam três variantes: grande água em concreto armado, suavemente inclinada (Toledo, Fig. 33); pequenas águas em cimento amianto ocultas por platibanda (Eternit, Fig. 53); duas águas em telhas de barro sobre lajes inclinadas ou estrutura de madeira (Moreira e Masetti, Figs. 36 e 43). As abóbadas são de dois tipos: suaves cascas de concreto, referência às abóbadas catalãs de Le Corbusier (Carioba, Fig. 32); abóbada única, formando uma espécie de túnel pousado sobre cobertura plana (Wagner e Malfitani, Figs. 40 e 41).

Estrutura, elementos e materiais

O período é caracterizado por casas com estruturas independentes de concreto armado, em regra aparentes, com pilares dispostos regularmente e balanços nos quatro lados do volume. O número de pilares varia de acordo com as dimensões da residência: D'Elboux apresenta apenas 2 pares de pilares coplanares às empenas laterais e balanços apenas de frente e fundos; Salmorão tem 7 pares de pilares e balanços nos quatro lados (Figs. 46 e 48). As lajes são, na maioria, em nervuras de concreto armado preenchidas com blocos cerâmicos aparentes (Fig. 59).

Numa variante, a Casa Rizkallah apresenta 4 pares de pórticos de concreto salientes nas fachadas maiores, com laje superior atirantada, liberando o térreo de apoios centrais; os pilares sofrem um estreitamento junto à base e os detalhes evocam as casas de Artigas dos anos 50-60 (Fig. 38). Carioba e Toledo também apresentam estrutura independente de concreto armado, mas suas plantas recortadas não têm o mesmo rigor geométrico. Quanto às casas térreas, apenas o protótipo Eternit apresenta 6 pares de pilares de concreto armado; o conjunto Penna Moreira e a

Casa Masetti têm paredes portantes e pilares de madeira para sustentação dos telhados. Nesta última, estrutura e elementos do telhado são em paus roliços obtidos na mata local (Fig. 60).



60. Casa Masetti. Cobertura.
MATERA, 2005, p. 363.



61. Casa R. Millan. Parede.
<http://comover-arq.blogspot.com.br>



62. Casa R. Millan. Aberturas.
<http://comover-arq.blogspot.com.br>

Determinados elementos de composição, materiais construtivos e detalhes passam a ser usados de forma recorrente nas casas dos anos 60. As alvenarias são predominantemente de blocos de concreto, rebocados ou aparentes (Roberto Millan, Carioba, Toledo, Oliveira, Moreira, D'Elboux e Carlos Millan, Fig. 61); nas casas Rizkallah e Salmorão não há especificações, mas é provável que se trate dos mesmos materiais. Na Casa Roberto Millan, o prisma superior é vedado com painéis de concreto moldados no canteiro, e no protótipo Eternit, além das paredes hidráulicas com blocos de concreto, as demais vedações são feitas com painéis sanduíche de fibrocimento e chapas corrugadas Eternit. Os prismas com abóbada superior – Wagner e Malfitani – são em alvenaria de tijolos convencionais, com chapisco grosso pintado de branco; a Casa Masetti tem paredes portantes de tijolos à vista e pilares de madeira rústica.

Os caixilhos das janelas são de ferro pintado com zarcão laranja e as portas em madeira pintadas de azul (Fig. 62); em alguns exemplos, as janelas dos dormitórios são também em madeira. As gárgulas de concreto são usadas como elementos compositivos, como em projetos corbusianos dos anos 50-60; normalmente despejam em drenos cobertos de seixos ou em espelhos d'água inseridos no tratamento paisagístico (Fig. 63). Nas áreas de serviço, em regra, são usados elementos vazados de concreto (Fig. 64).

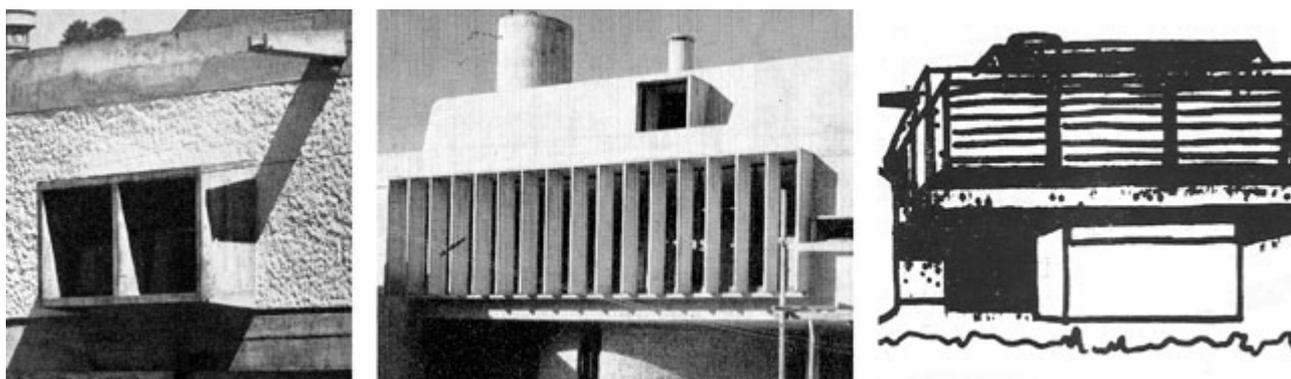


63. Casa Roberto Millan. Espelho d'água.
<http://comover-arq.blogspot.com.br>



64. Casa Nadyr de Oliveira. Elementos vazados.
MATERA, 2005, p. 252.

A partir da Casa D'Elboux (1962), Millan começa a empregar quebra-sóis, calcados nos *brises soleils* das obras brutalistas de Le Corbusier. Na D'Elboux, as janelas frontais são protegidas por salientes molduras de concreto; os pórticos salientes da Rizkallah, além de modulação e ritmo, conferem proteção às fachadas; na Carlos Millan, molduras de concreto e quebra-sóis horizontais e verticais dão textura e proteção, de acordo com as diferentes orientações; nas casas Wagner e Malfitani, lâminas de concreto verticais e varandas em recesso protegem as diferentes fachadas; na Salmorão, os brises são basculantes e inseridos dentro de molduras de concreto salientes (Fig. 65); na Masetti, os grandes beirais, as varandas e as gelosias de madeira protegem e conferem rusticidade (Figs. 43 e 60).



65. Casas D'Elboux, Wagner e Carlos Millan. Quebra-sóis. ACRÓPOLE, n. 317, p. 24; ACRÓPOLE, n. 332, p. 31e AU, n. 54, p. 100.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da breve carreira, Carlos Millan legou uma obra arquitetônica duradoura e consistente, que deixou marcas no âmbito da arquitetura moderna paulista e brasileira. Sua produção mais expressiva deu-se a partir dos anos 60, quando projeta uma série de residências consideradas exemplares do Brutalismo Paulista.

Sua obra pode ser vista em duas grandes fases, correspondentes à produção dos anos 1951-59 e 1960-64. Na fase inicial ou de maturação, seus projetos apresentam influências diversas, tanto de arquitetos norte-americanos (Breuer, Neutra, Wright), como de mestres brasileiros (Levi, Bratke). Nessa fase realiza, também, vários projetos em conjunto, nos quais transparecem as influências dos parceiros. As casas iniciais têm plantas recortadas e complexas, com pátios internos, volumes aditivos e variados. Pousadas sobre o solo, são geralmente cobertas por telhados com amplos beirais, suportadas por paredes portantes ou estruturas independentes de concreto armado, vedadas com alvenaria de tijolos rebocados.

A partir de 1960, inicia-se a fase final ou de maturidade, quando se consolidam estratégias de projeto que se tornam recorrentes. A mudança começa a ocorrer em meados dos anos 50, quando trabalha com Joaquim Guedes. Liga-se aos arquitetos da FAU-USP e vê em Vilanova Artigas uma referência. Sua principal influência passa a ser Le Corbusier, em especial a obra

brutalista do arquiteto, com ápice a partir dos anos 50; mas não deixa de olhar para as casas corbusianas racionalistas, como a Villa Savoye, e inspira-se ademais na contenção e na economia de meios da arquitetura de Mies van der Rohe, fazendo uma síntese própria de seu trabalho. As plantas adquirem rigor geométrico e disciplina espacial; os volumes se simplificam; as bases elevam-se do solo e os telhados desaparecem; os materiais se definem, os elementos se repetem; sempre, é claro, com uma margem de variações que se ajustam às circunstâncias de cada projeto.

Millan morre muito cedo, com apenas 15 anos de carreira. Não fora essa infeliz circunstância, parece plausível conjecturar que viria a tornar-se um dos grandes arquitetos paulistas modernos, um nome comparável aos de mestres da envergadura de Vilanova Artigas ou Mendes da Rocha.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACAYABA, Marlene Milan. Brutalismo caboclo e as residências paulistas. **Projeto**, São Paulo, n. 73, p. 46-48, mar. 1985.
- ACAYABA, Marlene Milan. Reflexões sobre o brutalismo caboclo. **Projeto**, São Paulo, n. 86, p. 68-70, abr. 1986.
- ACAYABA, Marlene Milan. **Residências em São Paulo: 1947-1975**. São Paulo: Romano Guerra, 2011.
- ACRÓPOLE. São Paulo: Gruenwald Ltda., v. 27, n. 317, mai. 1963.
- ACRÓPOLE. São Paulo: Max Gruenwald & Cia., v. 23, n. 276, nov. 1961.
- ACRÓPOLE. São Paulo: Max Gruenwald & Cia., v. 27, n. 332, set. 1966.
- ARTIGAS, Vilanova. Em “branco e preto”. **AU**, São Paulo, v. 4, n. 17, p. 78, abr./mai. 1988.
- BANHAM, Reyner. **El brutalismo em arquitectura: ética ou estética?** Barcelona: Gustavo Gili, 1966.
- BRUAND, Yves. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- CAMARGO, Monica Junqueira de. Histórias e memórias de um arquiteto. A breve trajetória de Carlos Barjas Millan. Disponível em: www.docomomo.org.br/seminario%206%20pdfs/Monica%20Junqueira%20de%20Camargo.pdf (23/04/2013).
- FAGGIN, Carlos Augusto Mattei. **Carlos Millan: itinerário profissional de um arquiteto paulista**. São Paulo: USP, 1992. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1992.
- FAGGIN, Carlos. Carlos Millan: o traço que permanece. **AU**, v. 10, n. 54, São Paulo, p. 97-104, jun./jul., 1994.
- FAGGIN, Carlos. O ateliê na formação do arquiteto: uma análise crítica o documento apresentado por Carlos Millan na FAUUSP, em 1962. **Sinopses: Memória**, São Paulo, p. 130-132, 1993.
- FICHER, Sylvia; ACAYABA, Marlene Milan. **Arquitetura moderna brasileira**. São Paulo: Projeto, 1982.
- FUÃO, Fernando Freitas. Brutalismo: a última trincheira do movimento moderno, dez. 2000. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/01.007/949> (13/04/2013).
- HITCHCOCK, Henry-Russel. **Frank Lloyd Wright: obras 1887-1941**. Barcelona: Gustavo Gili, 1982.
- MATERA, Sergio. **Carlos Millan, um estudo sobre a produção em arquitetura**. São Paulo: USP, 2005. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2005.
- MILLAN, Carlos Barjas. Residência no alto de Pinheiros. **Acrópole**, São Paulo, v. 23, n. 276, p. 420-423, nov. 1961.
- SANVITTO, Maria Luiza Adams. O brutalismo paulista: o discurso e a obra. Porto Alegre, PROPAR-UFRGS, 199-?. Digitado.
- SANVITTO, Maria Luiza Adams. **Brutalismo paulista: uma análise compositiva de residências paulistanas entre 1957 e 1972**. Porto Alegre: UFRGS, 1994. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1994.
- SANVITTO, Maria Luiza Adams. As questões compositivas e o ideário do brutalismo paulista. **Arqtexto**, Porto Alegre, n. 2, p. 98-107, 1º sem. 2002.
- XAVIER, Alberto; LEMOS, Carlos; CORONA, Eduardo. **Arquitetura moderna Paulistana**, São Paulo: Pini, 1983.

ZEIN, Ruth Verde. **A arquitetura da escola paulista brutalista 1953-1973**. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

ZEIN, Ruth Verde. Brutalismo, escola paulista: entre o ser e o não ser. **Arqtexto**, Porto Alegre, n. 2, p. 32-57, 1º sem. 2002.

ZEIN, Ruth Verde. Brutalismo, sobre sua definição (ou de como um rótulo superficial é, por isso mesmo, adequado), mai. 2007. Disponível em:

<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.084/243> (12/04/2013).

ZEIN, Ruth Verde. Resenha bibliográfica do novo brutalismo: ética e estética. Porto Alegre, PROPARG -UFRGS, 2000. Digitado.

NOTAS:

¹ Vide tese de doutorado: ZEIN, 2005.

² ZEIN, 2007, p 1-7

³ BANHAM, 1966.

⁴ ZEIN, 2007, op. cit.

⁵ BRUAND, 1981, p. 295.

⁶ FUÃO, 2000, p. 5.

⁷ ACAYABA, 1985, p. 48.

⁸ SANVITTO, 1994.

⁹ SANVITTO, 2002, p. 99-102.

¹⁰ SANVITTO, 199-?, p. 2.

¹¹ ARTIGAS, 1988, p. 78.

¹² A loja fecha em 1970, após a morte de Millan.

¹³ Vide Carlos Faggini (AU, n. 54, jun-jul., 1994, p. 97-104); Paulo Bastos (ACRÓPOLE, n. 332, set. 1966, p. 19).

¹⁴ Vide FAGGIN, FAU-USP, 1992, e MATTERA, FAU-USP, 2005.

¹⁵ Os principais projetos do arquiteto são aqui apresentados.